

BREVE NOTÍCIA
DO ACHAMENTO
DA ILHA DE SATANÁS
E DOS VERDADEIROS SUCES-
SOS QUE NELA OCORRERAM

agora postos a escrito
segundo os testemunhos
dos navegantes
e dos registos
que a certificam

Em Descobrimientos Portugueses Jaime Cortesão refere que a Ilha dos Satanazes se situava em relação á costa portuguesa conforme a Carta Náutica de 1424.

Aos vinte e oito dias de Agosto de 1969 largou deste porto de Lisboa o iate Ponta de Sagres cuja descrição é como segue:

Navio á vela e a motor diesel Ponta Volvo 120 hp.com navegação electrónica GPS Auto-Helm,piloto automático e giroscópico de aleiron.Comprimento: 65 pés.Mastros genoa e grande de enrolar.Data de construção:1963. Matrícula LS-326,da Capitania do Porto de Leixões.

Era proprietário e skipper da embarcação Alvaro Vaz,engenheiro e empresário da praça de Lisboa que levava sob o seu comando o licenciado João de Viana,armador em Viana do Castelo,Gonçalo Soares Pontevel, beneditino do Mosteiro de Singeverga a quem competia redigir o relato desta viagem de recreação,e Inácio Rita ou Inácio da Rita José,marinheiro com carta de patrão de costa. Como convidada seguia a bordo Naia (Maria do Aires) Furtado Valdez,decoradora e antiquária com estabelecimento na rua Dom Pedro V em Lisboa. A ela e a toda a tripulação ~~de velas~~ estendeu Deus a sua benção numa missa celebrada na ermida de Nossa Senhora do Restelo pelo referido irmão beneditino,horas antes da partida.

Desse templo na colina de Belém onde teve lugar a cerimónia desceram os navegantes e os amigos que os acompanhavam em despedida até á Doca do Bom Sucesso: ali se encontrava o Ponta de Sagres devidamente aparelhado para ~~o mar~~ e numa brancura por assim dizer festiva,como regista,logo a abrir,o diário de bordo que frei Gonçalo redigiu com dedicação,colando-lhe fotogramas em cercaduras e ornatos como se de iluminuras se tratasse. Movido pela paixão da fotografia,o frade,que anos antes tinha renunciado ao curso de architecto para se devotar á Regra de São Bento,juntou ao seu relato da viagem algumas centenas de metros de filme a cores e ainda bem que usou desse gosto ~~que se agora~~, porque se do justo escrito se fazem muitas vezes leituras de má fé,do retrato do real se toma o rigor da luz. Assim sendo,que a imagem se junte á palavra para que se aclare a visão do mundo e se lhe dê verdade e razão ad perpetuam memoriam.

#

107

a largada

107

de/

x

^{então} Largaram, ~~pois~~, os navegantes em manhã de águas espelhadas e logo a meio do Tejo se levantaram dois golfinhos á frente de les como que a abrirem-lhes caminho até ao ~~mar~~ em festejos divertidos. "Foi a primeira vez que vi golfinhos neste rio que eu conheço desde a infância," anotou frei Gonçalo no diário. De camisolão e barba curta apontada ao horizonte, parecia um universitário em regata de férias; ou então um velejador de consciências pelo silêncio meditado do olhar, como observou ~~Henem Garcia~~ com aquele seu tão privado humor felino.

Oceano

Maia Valdez

O farol do Bugio viu passar o iate com todos os viajantes á proa. Era um esqueleto a escorrer limos de sentinela ao oceano, aquela torre. Para trás ficava Lisboa pousada em águas de escamas cintilantes que o frade imaginou terem sido um dia atravessadas, Tejo fora, por Messias Damião de Gois (1502-1594), embaixador das artes e das ideias, cavalgando um delfim de bronze.

através
num Tejo rio
percorrido
lere

Col. 23

DE UM FANTASMA NA CORRENTE QUE ANUNCIAVA
A IRA DAS PROFUNDEZAS E OUTROS AVISOS AOS
NAVEGANTES

Col. 17 | Iam de rota traçada com destino ás Bermudas, esse arquipélago de esmeraldas depostas sobre um banco de corais que Álvaro Vaz conhecia de leituras e que durante a viagem antecipava aos companheiros numa geografia de surpresas. No mar e no navegar está o sonho de chegar, e o skipper do Ponta de Sagres sempre que demandava portos desconhecidos figurava-os para lá do horizonte segundo as representações que tinha tomado deles pelos albuns, vídeos e enciclopédias ou pelas reportagens do National Geographic. Navegava assim a duas cartas, a duma Imago Mundi umas vezes científica, outras vezes aventureira, e a da Orbis Rigorosa da arte de marear, e nada disto serviria de transtorno estorvo á navegação, uma vez que um comandante de mão de ouro ou mão pensada é capaz de levar o navio até ao cume duma montanha. Adiante, portanto.

da proa
que os guias
vs, muito
para lá

através dos
idos

à sua
guarda

Adiante, isto é, rumo a SW. logo ao largo da costa, ~~bar~~ ras ao leme e velas atentas, apanharam dois dias de nortada com ondas de quatro metros e vento de força cinco que os obrigou a amuras curtas. Dois dias em cavalgada de vaga alta a cuspir fúria foi coisa medonha de vencer, mas felizmente que entraram em mar de feição sem estragos nem desesperos, mar brando, mar estanhado e sempre mais brando á medida que se aproximavam do paralelo 30 entre a Madeira e as Canárias e guinavam para Oeste conforme a linha traçada na carta de bordo. Deus abrija a sua mão de luz sobre o oceano apaziguando-o, e conduzia o veleiro num chão de águas planas donde se levantavam bandos de peixes voadores, escreveu o monge de Singeverga, sentado na cabine do iate frente á imagem Virgem de Neptuno.

e logo
firmes
faziam
loura

que se guardavam
de estragos mesmo
desespero e entrava
ram em mar de
chaga
milagres
rompiam
duma

Esta virgem, Sancta Virgen de Neptuno Mar y Furias, lia-se num arco de letras douradas por cima dela, era uma litografia popular em moldura de madeira pobre que Álvaro Vaz descobrira em

Cabeça alta em
mar de feição,
mar

a volta

com certeza

tempos numa feira de trastes e velharias de Port of Spain e que, na qualidade de skipper, capitão e mestre, declarara padroeira do Ponta de Sagres. Mexicana, a avaliar pelo calor ~~vivo~~ das cores e pela pujança carnal, segundo o parecer de Naia ~~pareid~~, ou peruana, segundo Álvaro Vaz, seria uma santa apócrifa, disse não tinha a antiqúaria-decoradora a menor dúvida e talvez por não ter é que ás vezes vinha até ela e se benzia.

157 Valdez

Sabe-se [*] que a discutiu com o monge Gonçalo de Singeverga para quem a imagem tinha o ~~sei~~ ímpio de certas figuras indias. Descalça mas coroada como uma imperatriz, a Virgem mostrava-se sobre uma onda de espuma donde espreitavam cabeças de serpentes marinhas e embalava nos braços um peixe prateado. O peixe ali podia ser um símbolo da fecundidade, comentava Naia; ou até mesmo um símbolo fálico como acontecia em certas tribus da Centroamérica, na Guatemala, salvo erro. Possível, frei Gonçalo // não dizia que não mas a contrapor a essas figurações bárbaras lembrava o peixe ~~como~~ símbolo primitivo da cristandade e da Eucaristia.

/ salitre

valia, antes de tudo, como um

O que mais o impressionava naquela virgem era as ~~longas~~ tranças negras que lhe caiam sobre o manto donde saía um seio redondo, matriarcal. Naia via e confirmava, / mais do que as tranças o seio, a maternidade fecunda, / isso é que lhe parecia simbólico ~~mas o~~ que ela admirava mais ainda, ou melhor, o que a seduzia, era o (ar terreno e pagão que a santa tinha com aquele olhar negro / muito denso e com as sobrancelhas fortes e quase unidas que lhe / faziam lembrar / a Frieda Kahlo) do (Rivera.. Frieda Khalo, a / deusa insaciável de Diego de Rivera, o mestre pintor dos murais dos pobres e das cavalgadas dos mártires, ~~mas~~ nunca ouvira / falar de Frieda Kahlo mas francamente / valia a pena estudá-la porque era única e deslumbrante. Um caso histórico, um ~~base~~ espanto.

/ que

volumosas

/ mas,

! Mais ainda: o

que /

~~mas~~ Gonçalo

/ talvez

Há três dias que singravam a vento manso e a céu limpo, o odómetro marcava velocidades de 5-6 nós. No varandim de proa Álvaro Vaz e João de Viana conversavam sobre política e negócios, so brevoados por peixes voadores que se levantavam á passagem do veleiro. No convés, estendida ao sol sobre um roupão vermelho / aberto que lhe ~~marcava~~ o território, Naia ouvia a Carmina Burana, de Carl Orff, na rádio-cassetes de Gonçalo: a magia dessa cantata e a subtileza dos seus ecos gregorianos, in trutina, in trutina, ab umbrata et velata, percorriam-na como uma brisa íntima, um Coro do Destino tocado a címbalos e a harpa, Fortuna, O Fortuna, O Cantiones Propha nae.

como uma silhueta que lhe marcasse

Em biquini e a fumar Gitanes muito para longe, mostrava um corpo consciente de si mesmo, um corpo ~~vivido~~ mas sereno como uma consagração solar, se assim se pode dizer. Pelas únicas imagens que hoje se têm dela, e que são as das fotografias tiradas no cais por frei Gonçalo pouco antes do embarque, vemos-lhe um rosto de natureza altiva, ou mesmo indiferente que chega, e fica, e jamais

87

[*]

desse

distância

Prof. Adriano de Montezuma, Comunicação sobre a Descoberta da Ilha de Satanás. Sociedade de Geografia, Lisboa 1972.

se interroga, Inácio, por exemplo, como filho de mar e solidão, passava por ela no convés com uma ausência calculada, pois distância com distância se paga e ele nunca fora homem para dar vento a velas ~~trancadas, fechadas~~

foi que

Assim ia o Ponta de Sagres. Riscando o oceano com um lento fio de espuma, seguia paralelo ao Trópico para, vinte graus mais a oeste, ascender em direcção aos Sargaços, a tal pradaria flu tuante a que os navegadores de Quatrocentos chamavam o Mar da Baga, dizia João de Viana prolongando o olhar no fumo do charuto. Á noite, com céu de veludo e um luar de prata a ondular na gota bo nança, ele e todos os viajantes do iate faziam serão a céu aberto, conversando o tempo com humores e apropósitos, bem como dando re lato de acasos vividos em terra ou noutros mares, exemplos de eu riosidade.

a escorrer
escorrida
sobre aquela

noutras viagens

Uma paz, direis, o céu pululava de anjos. E cá em baixo, no convés dum veleiro em águas, de prata, ouvia-se a voz de Naia - fado, quase sempre,

X
Ními

Se uma gaivota viesse trazer-me o céu de Lisboa no desenho que fizesse, nesse céu onde o olhar é uma asa que não voa, esmorece e cai no mar, [*]

corpo abaixo

fachement

e era uma voz áspera mas raaee, comentava Álvaro Vaz, ra- cée, uma voz recortada ao luar com um travo de destino e desafio.

para longe > que

Naia, a do cantar áspero e do rosto soberano, rogamos pa ra que Deus a tenha hoje á sua guarda na corte dos querubins. Cu riosamente, não se encontra uma única referência a esta persona gem no diário do Ponta de Sagres, de tal modo que nos podemos hoje e perguntar se ela não terá sido apenas uma sombra visionária a sulcar o oceano. Também não a vemos nas fotos e nos filmes da vi agem, só agora nos apercebemos disso. Fora do iate sim: a Asahi-Pen tax de frade navegante registou-a no cais a despedir-se dos ami gos mas uma vez a bordo resumiu-a a sinais de ausência. Algures, um tanto desfocado, aparece um braço a acenar junto ao mastro gran de do iate, por trás do skipper, do monge e do armador de Viana num instantâneo da largada, um braço, diz-se, que seria dela, Naia. Na verdade, porquê dela e não do marinheiro Inácio que também não es tá presente na fotografia? Por outro lado há um roupão vermelho estendido no convés. Que era dela, está mais que provado; que vamos descobrir num ou noutro plano do filme, estendido ao comprido numa cadeira de fora ou pendurado na porta da cabine como se fosse o vulto do seu corpo, deixado á pressa para trás. E há uns óculos de sol e um maço de Gitanes esquecidos nalgum retrato que são outros restos da presença desta dona. Anotemo-los como sinais duma ima gem que a objectiva não conseguiu apreender por inteiro, despor teada pela autoridade que vinha dela. Um roupão vermelho, uns ócu los, um aceno solto no ar: fragmentos de pessoa, denúncias.

e o que lhe desejam se hoje seus os companheiros do Pont desta viagem.

de-focando

Apesar disso, as fotos e o filme que o beneditino de Sin- geverga legou á posteridade são "providencialmente esclarecedo ras", conforme sublinha Montezuma na já citada Comunicação e, como

/a

/aberto

encandeada

em certo

praia /

ausência soberana

silêncio

tal, constituem matéria de base para quaisquer investigações sobre a Ilha de Satanás. A muitos parecerão de sobrexagero as dificuldades que os relatores da História afirmam conter esse trabalho, pois não só o diário de frei Gonçalo é pontual e de grande clareza na narração de ~~Descobrimto~~ ~~daquelas paragens~~ como, graças ao Altíssimo, estão ainda vivos e disponíveis ~~quase todos~~ os navegantes que o participaram. Atente-se porém nos silêncios e nas imprecisões, nos sublinhados de ~~sombra~~ ou nas contradições que se levantam no confronto das declarações de cada um deles e teremos como legítimos os reparos que os eruditos apontam. Em particular as declarações de Naia Valdez e as do religioso beneditino são de algum modo enigmáticas. Sobrepõem-se sem se tocar e ajustam-se divergindo ou ignorando-se. Nem por escrito nem em filme nem em nenhuma fotografia podemos ver juntas tais personagens, já o sabemos, e todavia são as imagens do real e os ~~registos~~ do diário que nos dão a marcha quotidiana que as levou á nova ilha. Cenas de tempespestade, cenas de benesse; cenas de faina e de convívio, Inácio a dar escota ás velas ou a mostrar á câmara o tacho do almoço a fumejar; Alvaro Vaz ao radiotelefone ou o licenciado Viana a jogar xadrez com alguém que se encontra fora da foto (Naia?); Gonçalo á ponta da proa, em quimono de judoca, com um binóculo apontado ao in finit. O azul atlântico. A luz. Mais algumas imagens e a objectiva muda de cenário e foca uma mancha escura á flor da ~~água~~. Um manto enorme a ondular.

com maior intervenç. Em consequent

por vezes des- concenantes e / os lançamentos

corrente

Surgiu-lhes a barlavento na passagem do meio dia e o skipper Alvaro Vaz correu a manobrar o leme para se aproximar do achado. Qualquer coisa em viagem, enorme de facto e cada vez maior e mais concreta na transparência que a cobria, aquilo era um monstro á deriva, pensaram eles, e todos atentos puseram-se á borda e viram.

de imediato,

Viram, e documentaram em filme, uma raia gigante ou jaman-ta, assim chamada, de uns cinco a seis metros de comprido por oito ou nove de largura a pairar na corrente. Estava morta. Com ~~cabeca~~ ~~da~~ chifres moles e olhos brancos, arrastava a cauda de esporões com que chicoteara tantos ~~mares~~. Ia á desventura como uma mensagem de maus avisos, assim a teriam olhado os do iate, uma mensagem negra; e com esse pressentimento a filmou o frade. Horas depois, no rasto dela, começou a passar pelo Ponta de Sagres uma extensa toa-lha de peixes mortos a caminho do anoitecer.

/ inimigos. Já não ade- para o manto com a tene- brosa majes- tade da sua lentidão

at. 23 | CUMPRE-SE A MENSAGEM. DEPOIS DELA O MAR ROMPERÁ EM CHAMAS, NÃO TARDA MUITO.

at. 17 | E na verdade, passadas que foram cerca de catorze milhas de algas á tona e de cadáveres de peixes, depararam ao despontar da madrugada com um acenar de labaredas na linha do horizonte. Ao mesmo tempo chegavam até eles estertores secos ~~abatidos~~ e quanto mais avançavam mais os ouviam crescer em estrondos de abalar o mundo e mais iradas se levantavam as chamas que saíam do oceano, projectando pedras e lamas incandescentes pelos ares. Era a separação entre águas e águas de que dá conta o sagrado livro do Gé-

le trovões

os

deix

fumos espalhados no mar
faíscas eléctricas

pedra-pomes = rocha lávica
flutuante

nesis. E em temor e deslumbramento o frade ^o navegador pôs-se a filmar toda aquela revelação que a Providência lhes estava a conceder, o desmantelar das profundezas submersas, as explosões que rasgavam a secreta lógica da Orbis Oceanica, o engrossar das núvens em clarões ensanguentados, tudo isso, Senhor, tudo isso, desmando e clamor. E disse Deus: ajuntem-se as águas num lugar e apareça a porção seca. E assim foi. Diante do frade e dos companheiros, subiam agora às alturas rochas e lavas chamejantes que, despenhando-se depois ~~na água~~, arrefeciam e se transformavam numa extensa massa endurecida e bordejada de areia. E chamou Deus a essa porção Terra. E eles Ilha. A formação do jardim do Éden?

construção

nas ondas

De pronto, Álvaro Vaz e João de Viana tentaram comunicar em HF com as possíveis estações marítimas que lhes dessem explicação daquilo que os seus olhos presenciavam, mas foram mal ouvidos e sem resposta. Porque, como vieram a entender muito mais tarde, a ilha aquela altura estava ainda em segredo no planeta, era um começo de terra em parto de fogo e agonia. Assim, se Deus dá a Fortuna a quem a sabe meditar, cumpria-lhes esperar ~~com fé~~ pelo fecho do Destino e ter intento. Esperaram, pois. Velejando de capa e com vento de través, puseram-se a tornar aquela turbulência a marcha retardada e a distância conveniente, assistindo ao sismo e ao fogo a abrirem uma ferida no ~~mapa~~ que sendo blasfémia era também redenção por se fazer espaço firme para a primeira ~~péga~~ de ~~homem~~. Estavam a testemunhar, tinham essa consciência, o nascimento dum ponto novo no mapa. Por enquanto uma larva de rocha escura, a crescer e a respirar em ~~popuxos~~ de vapor lançados às núvens, mas ~~em breve na fase adulta, uma ilha~~, se agora já tinha uns largos quilómetros de extensão, quando chegasse ao estado perfeito atingiria mais que o dobro dessa estimativa.

tinham diante dos

na grande lagoa do oceano

facto

uma de cristãos

em breve

Na presença daquele espectáculo reuniu Álvaro Vaz todos os companheiros e, depois de avaliada a natureza do fenómeno, concertaram algumas decisões com vistas á ocupação da ilha, tão pronto ela serenasse e estivesse aberta ao homem. A menos de meia milha de distância viam-na a crescer num bailado de labaredas envolto numa chuva de cinzas. Sacudia-se em abalos fumegantes, libertando um cheiro sulfuroso que chegava até ao Ponta de Sagres e ressequia o ar. Eram por isso obrigados a aproximações e a desvios conforme o vento, na sua marcha constante em redor daquele território em tormenta. Ao correr das margens o mar revolvia-se em cachões terrosos mas, para espanto de todos, retomava logo adiante uma tranquila luminosidade de indiferença celestial.

portanto

o livro de bordo

Tempo sem vento, diz o diário, naqueles dias, profundidade entre 200 e 300 braças, o que faz supor que nos encontramos sobre uma elevação submersa. Continuamos a tornar. Continuamos presos a esta insula que em boa hora nos apareceu.

in

se encontram

Depois de voltas e demoras resolveram colher o pano e na navegar a motor. Pairavam a curta distância da ilha, de guarda a ela. Vigiavam-na hondavam-na a ponto morto ou quase. Pairavam. Durante meses e meses não passaria de um rochedo vulcânico, esvoaçado por milhares de aves marinhas que um dia a tivessem descoberto. Seria uma pausa árida no oceano, já o era, um deserto onde os fumos

o R

vou entrar na pag. 11

faria

Continuam

lhes tinha vindo a caminho

exploração de banhos sulfurosos, quem sabe, e

brancos que agora se viam brotar dariam lugar mais tarde a regatos de água a ferver com plantas a verdejar no fundo. Por enquanto era uma plataforma em bruto, assim a olhavam e assim a discutiam os viajantes do iate dobrados sobre o mapa de bordo para lhe determinarem as coordenadas. Plataforma atlântica, a designação correcta seria essa e por aí já Álvaro Vaz e o armador de Viana justificavam a importância que um tão minúsculo grão do Universo poderia vir a alcançar. Na economia, antes de mais nada. Na estratégia militar como escala operacional. No turismo, turismo sofisticado, se ~~se quiser, como estação artificial onde se explorassem as águas sulfurosas~~ e o mais que Deus acontecesse.

como

Nesta conformidade já Álvaro ~~Naia~~ Vaz se tinha agarrado ao radiotelefone para comunicar com o seu advogado em Lisboa pondo-o ao corrente da descoberta e dando-lhe instrução para actuar sobre o registo de posse do novo território nos termos do Direito Internacional. Enquanto isso Naia, o frade e o armador revezavam-se na escuta dos rádios de onda marítima que emitiam vozes que pareciam ~~das almas~~ do outro mundo, trazidas pelo vento e pelas correntes.

com vista a

trazidas

Vozes essas que não tardaram muito a dar notícia do aparecimento da ilha, seja dito. E diga-se também que daí não veio surpresa para o Ponta de Sagres, posto que ao segundo dia da descoberta já dois aviões da força costeira americana tinham sido vistos a sobrevoar a erupção e depois deles outros forasteiros, ~~entre~~ ~~esses~~, um monstruoso helicóptero a filmar mesmo em cima das labaredas da lava e a emitir sinais misteriosos, uma corveta do Instituto Geofísico Soviético, um cargueiro com bandeira panamiana, enfim, um desfilar de peregrinos á babugem que, na maioria dos casos, eram de pouco demorar. Chegavam, viam e partiam, levando com eles todas as suas intenções. Enquanto Álvaro Vaz comunicava com Lisboa, Gonçalo de Singeverga costumava dizer que não se admirava nada se ali perto já andasse o pirata-almirante Francisco Drake de caveira no mastro real e bombardas a assoprar.

a seguir a esses

de cifra obscura

7

entre eles

Vou aqui 4ª feira

la

Foi a altura de o fax de bordo começar a receber relatos das estações meteorológicas sobre a localização do fenómeno vulcânico. Crise sísmica e actividade eruptiva, noticiavam de Nassau, ~~e de Port of Spain~~ e de Port of Spain. Gonçalo lia e passava, por o diário, frente à ilha em labaredas que lhe estava a poucos centenas de metros da cabine.

de Miami e de CTRK Key West:

submarinos

tomava nota no diário, diante da ilha

Em determinada data escreveu: "Esta manhã um acalmar gradual das convulsões. Agora já quase não se sentem aqueles movimentos de baixo de água a que o Inácio chamava o arreganhar dos dentes da fera."

"Trovoada a NNE. Jactos de baleia", aparece apontado tempo depois, mas aqui na letra de Álvaro Vaz. "ESE e uma quarta por E. Dez pés."

os

?

E noutro dia: "Balanço comunicado pela estação de Miami às 05.30: mais de 300 milhões de pedra e de lava. Quantos milhões faltarão para dar a ilha por concluída?"

Noutro dia ainda: "Estamos suspensos do sossego que continua a reinar."

Nov. aqui
por trás dela
defacto

Um boletim, uma conta corrente. ^{limitava-se a} As vezes pouco acrescentava ao já conhecido, outras vezes ^{a esta ou aquela} episódios de bordo e ^{algumas notícias do mundo} apançada num rádio qualquer a mare, notícia de mundo ^{em} novas dimensões, NASA e caninhos espaciais, Guerra de Angola e a Mining Corporation, e por cima de repente está sublinhado:

E noutro: "Agora no topo do céu apareceu um cogumelo de fumo branco. De Lisboa não nos chega nada de concreto sobre o direito á posse da ilha quando pudermos desembarcar nela."

oficial

Não so como identificação, ma sobretudo ~~possa~~ com declaração ~~ofici~~ de presen ca,

E noutros "Como identificação oficial decidimos hasteiar a bandeira portuguesa. Fotografámo-la e filmámo-la no pau de popa com a ilha ~~em fundo~~ bem visível."

~~Em~~, filmaram-na podemos vê-la em dois ou três planos com a Ilha em fundo. Todavia, por alguma razão que não importa aqui considerar o Ponta de Sagres não deve ter ostentado por muito tempo o pavilhão das cinco quinas de Cristo e disso fazem prova as últimas imagens do documentário de frei Gonçalo que mostram a ilha em formação definitiva, vista da popa do navio sem qualquer sinal de bandeira. Nesses planos finais passa sempre uma sombra fugidia que não pode deixar de nos intrigar porque se repete sem se definir por trás duma cortina de chuva de cinzas. É um vulto, a mancha de alguém que estaria apagado na paisagem e que, ao revelar da película, emerge do liquido em câmara escura, a tremular, a tremular, e levanta-se á nossa frente como uma interrogação. É Naia Valdez, não pode deixar de ser. Naia ~~Garcia~~ Valdez a avançar para a ilha como se fosse desembarcar.

Furtado

Viagem maldita de Frei Gonçalo de Singeverga

col. 23

ONDE SE FAZ MENÇÃO DE UM NEPTUNO QUE ARRIBOU Á NOVA ILHA E DOS PRIMEIROS CRISTÃOS QUE NELA SE ESTABELECERAM

col. 17

A ilha perdida de Frei Gonçalo de Singeverga

Agora estava Naia assente em rocha escura e a toda a volta era mar. Tinha a dar-lhe sombra um cenário de árvores pintadas por não haver plantas nem outros viventes naquela Ilha, e junto a uma pedra ainda fumegante olhava-a a Virgem de Neptuno em moldura de madeira índia.

numa lona

Perto andava um homem de barba curta em peito nú e boné de praia que era nada mais nada menos que frei Gonçalo/a interrogar os horizontes. Esperava ver regressar o Ponta de Sagres á frente da prometida frota de navios que, em cumprimento do que ficara resolvido em assembleia ~~de navegantes~~, viria carregada de terra para cobrir a rocha crua e criar plantas destinadas a dar sombra e nutrição, além dos animais povoadores que teria de transportar para sustento e companhia de quem alí se estabelecesse. Como é de razão, acima de tudo trariam água, a água era-lhes essencial enquanto as chuvas não chegassem áquele novo território e se acumulassem em regatos e dessem vida ás sementes; e ~~as sementes se multiplicassem~~ entre si animadas por essa benção, e chamadas a elas tanto os roedores como as aves; e as aves, com o colorido dos seus vãos e do seu canto, ~~trouxessem~~ alegria ao céu e se fizessem apelo a outros animais, e deste modo que de tudo resultasse a essência e o estreme que são os dois cristais donde nasce o sal da vida.

/ de Singeverga

em tal assento

~~nessa conforme~~

trariam

plicariam trariam

Mas mesmo reduzida a pedra morta, aquela descoberta representava um valor estratégico que importava desde já acautelar, palavras de Álvaro Vaz em conselho dos navegantes do iate, um património e um investimento de civilização, palavras do armador de Vi-

serias em parte preenchido pelas

das águas saía um nivar de sercis

ocupação
durante a
sua ida

ana, e certos que estavam do reconhecimento internacional que lhes iria ser conferido, todos os presentes tinham acordado em deixar a novíssima Ilha á guarda do fraile Gonçalo Soares de Singeverga e de ~~Naia~~ Valdez ~~Gonçalo~~ como pessoas testemunhais de descobrimento ~~quando estavam~~ a Lisboa para buscar não só as licenças oficiais ais como os meios humanos e materiais indispensáveis á empresa que pretendiam levantar. Mais concluíram ser de urgência a contratação de técnicos e material de electricidade e telecomunicações e bem (assim) o povoamento imediato da Ilha. Esse ~~fá-lo-iam~~, por sugestão de frei Gonçalo as levas de emigrantes guineenses que ele sabia á divina por Lisboa sem trabalho e sem fé. Eram ou foram, pobres deles, maometanos longínquos que, na sua opinião, aceitariam de coração aberto a conversão a Cristo num mundo novo como aquilo. aquilo

Naia Furtado

Maina Valdez: Aquilo o quê? Mundo novo?

Na realidade aquilo era nada, pedra de nada, dizia ela com o olhar. Tinham-na deixado numa extensão de rocha cercada de ~~árvores~~ árvores infinito e á sombra de árvores pintadas num pano de vela; acrescentaram (ou ela acrescentara) um leitor de cassettes e a imagem da Virgem de Neptuno ao lado duma pedra fumegante que lhe dava o ar de santa nublada em incenso, incenso de enxofre, esse cheiro a vulcão ainda não tinha desaparecido - e pronto, ali estava ela no nada. Tudo á sua volta era nada.

Só que ao pôr-do-sol ou com as sombras do luar aquele universo começava a ser ocupado por figuras bárbaras talhadas no rochedo. Carrancas primitivas, enormes, um deserto povoado de estátuas dispersas por entre penachos de fumo sulfuroso. Algumas pareciam leões marinhos, outras aves monstros em sono ~~patente~~. E num amanhecer de cinzas, ao passear pelo meio daquelas máscaras talhadas a fogo, ela descobriu um gigante com cabeça de peixe e peito revestido de escamas. Parou e aguardou com curiosidade.

fingido

Naia Valdez: Estou a sonhar, bem sei. Tudo ~~faz~~ a sonhar, bem sei.

De pé e apoiado numa alga dura em forma de tridente, o gigante de cabeça de peixe, em vez de mãos, tinha dois molhos de tentáculos como os dos polvos a escorrerem-lhe dos braços poderosíssimos. A todo o comprimento do dorso descia-lhe uma barbatana ondulada como se fosse de cabelos endurecidos e entre as pernas escamosas pendia-lhe um pesado falo. Um ser triste, tristíssimo, contou ela num fim de tarde ao monge-irmão que a acompanhava em exílio. Uma criatura (assim) era sem dúvida o Neptuno ou um híbrido do Neptuno. E apontando para a imagem da Virgem a embalar o peixe: A partir de agora, irmão, só consigo vêr esta santa como a virgem que concebeu em pecado de carne com um deus pagão e que mesmo assim continuou virgem.

stato faria

Naia Valdez: (Palavras, deus pagão, ~~pecado de carne~~ palavras, ~~palavras~~... numa praia naufragada)

Vejamos, ela falava ao irmão-frade duma virgem que concebera em pecado de carne ao vivo e que virgem permaneceu, e isso não se resumia a palavras, isso, dizia, ~~para isso muito~~ mais sobre natural do que a conceição imaculada que ~~vem no sacratíssimo~~ Tesamento. Tão sobrenatural pela carga da sua heresia que Deus tinha castigado a temerária virgem dando-lhe um filho em forma de peixe

parecia-lhe
ainda

> Deus lhe
provasse,

da

nos ilumina desde o catecismo.

das águas saia / uizar

dolorosa

O frade ouviu-a num silêncio ~~presencioso~~. Não faça caso, padre, concluiu ela, com um encolher de ombros, estas rochedos á noite metem-me medo.

Não faça caso, padre. Não faça caso, irmão. Só ali, no purgatório duma ilha ainda quente das convulsões do parto e ainda in certa se triunfaria viva, só ali, coisa sem sentido, é que ela o trtava daquele modo. Padre, irmão. Coisa estúpida, de facto. Andava cada um para seu lado, ele quase sempre na estreita praia preenchida pelas areias cuspidas do fundo do mar, ela em biquini, a fumar Gitanes e a ouvir a música dum leitor de cassetes á sombra dumas árvores de cenário. Era nesse enquadramento que o frade a encontrava cada dia mais mudada, cada dia mais ~~inesperada~~ nos comentários que fazia por tudo e por coisa nenhuma. Irmão, estamos no Génesis, disse ela uma vez. Reduzidos ao tudo-nada, já reparou? Só não andamos nós / porque não confiamos em Deus. / Porque estamos / em / pecado, ~~ref~~ / spondeu-lhe ele.

/ solta

Deus num deserto de estátuas rochosas e penachos de fumo pelo meio como repuxos de jardim. Ela olhava á volta e dizia: Num mundo onde não há vida, o único remédio é pensar em Deus. Verdade, irmão. Verdade, padre. Quanto mais perto da morte, mais medo de Deus, ~~não é assim?~~

dela,

a sós entre mar e céu

~~Alli, entre os infinitos do céu e do mar, lembrou-se um~~ a de pedir ao frade que a confessasse. Ele fez uma pausa talvez de surpresa, não se sabe, e depois ajoelhou na rocha e juntou as mãos. Confiteor, Deo omnipotente, beata Mariae Virgini et omnium sanctorum...

Ele: Mais ~~pe~~ perto; ~~irmão~~, ~~verdade~~ perto ~~de~~.

uma vez

Naia: Em latim, que estranho... mas já ela, em voz alta e ~~no meio do~~ oceano, se confessava pecadora por há muito ter andado arredia da palavra do Senhor, ausente até dEle, padre, tão ausente e tão culpada que se perguntava a si própria se não teria ido parar áquela Ilha em expiação das faltas que lhe pesavam na alma ofensas sem remissão, ~~padre~~ nojos padre, maus pensamentos, corrupções do corpo / ~~mais do espírito~~, e ~~ten~~ do chegada onde chegou suspendeu-se. Suspendeu-se, pronto. Diga, ordenou o frade passados instantes, e ficou de cabeça baixa, á espera. Pecados da carne, disse ela então. Fodas.

diante do imenso

, padre,

Silêncio. O sol a baixar, a baixar, e ela num olhar de silêncio para lá do confessor e da Ilha que se ~~cobria de sombras e~~ de satanazes ~~chamava~~ as carrancas rochosas (satanazes). Entretanto o padre-monge levantava-se. Viu-o, ~~tenso~~, ~~rosto fechado~~, e afastar-se em direcção á praia a passo vagaroso / ~~meditado~~.

que ela chama

das

erecto e muito tenso,

Seja, murmurou.

Deu uma volta sobre si mesma e achou-se diante do cenário de arvoredo onde, nem de propósito, o leitor de cassetes transmitia o "Ave Formosissima", da Carmina Burana,

Ave
Ave formosissima, ~~de~~
ave decus virginum
virgo generosa,

> corpo abaixo?

mas quando deu por aquele cântico celestial fizera-se di

uma vez

dumas horas? dums minutos
minutos?

a, não se percebe como, e no chão crescia uma sombra a aproximar-se dela. Era o confessor, depois duma noite (ou dums minutos) de insônia atormentada. Vinha com qualquer coisa de pensado, era a ideia que dava, mas ao parar para lhe falar viu que ela tinha um tufo de pêlos do púbis a espreitar por baixo do slip do biquini. Desviou o olhar, sentindo naquilo um aceno de vício ou de impudícia e por certo que ela se deu conta disso porque se compôs de imediato e sem que no entanto revelasse qualquer perturbação.

com algo decidi-
do,

também

O inquietante porém é que, na presença do monge, tudo o que de mais secreto exibiam as suas palavras ou o seu corpo acontecia, não era determinado, e essa circunstância ~~sobressaltava~~ ainda mais porque mostrava que toda a perversidade lhe era natural. Ars demoniaca, pensaria o frade. Irmão, irmão, implorava-lhe ela. Queria que a ouvisse em sigilo de fé e a perdoasse. E ele contorcía-se e recusava porque tinha como certo que era no acto da confissão que ela pecava mortalmente, entregando-se a aventurar deli-
~~tes~~, perdendo-se, misericórdia, em rompimentos solitários e em luxúrias, em desvios contra-natura, tudo desmando, tudo insulto, misericórdia, misericórdia, ave Deus misericórdia.

agravava-a

13/35 ←

porque o verbo
se tornava
carne,

Ela que fizera a adolescência num colégio de freiras ~~mal~~ danas, passe a expressão, aprendera o ofício da confissão como um exercício de si própria e um pacto de libertação para ~~exposimom~~ ~~tar~~ o pecado e isso mesmo advertia o padre-irmão, recusando-se a absolvê-la. Mesmo assim ouvia-a não só por dever de sacerdote como por sacrificio contra a provocação e a insídia de que a sabia portadora. Mais ainda: ouvia-a de joelhos e de costas para ela, obrigando-a a ficar de pé.

de sociedade,
perder o medo
ao

Naia Velez: De pé?

nesta postura

Impossível saber quantas vezes esta oratória se repetiu. Ela de pé e ele de joelhos para sua humildade maior, um virado a norte, outro virado a sul para mais se isolarem e se desconhecem durante o ~~officio~~, era assim que se celebrava ~~patq~~ litania duma mulher de alma aberta e verbo crú, uma puta, Deus Poderoso, gloriosamente puta e gloriosamente á mercê, que o Senhor lhe perdoasse, alguém que se apresentava salgada de esperma ao castigo do Senhor, vêde só, crestada do fermento do ~~sef~~ men desde o salivar do gosto até ao travo da voz, crestada, irmão, ~~de esporra na paz~~ reconhecida do olhar e no imundo da loca infecta, Basta, protestava o frade, de dentes cerrados, mas a confessante ia de calvário ~~co~~ de danação em danação, era uma mulher á mercê, já o tinha confessado ~~dito~~, alguém que ali mesmo se entregava á satanização do corpo, Deus Bendito, enquanto, de costas para ela, o sacerdote-irmão, de cabeça cega, murmurava Basta, basta, e cravava as unhas no peito até sangrar.

aquela exercício

la

ansioso,

crestada

desde
olhar mais
reconhecido
até ao

e a punisse,

B

nobilíssima ^e cum gaudio,
pulchra corrupta, que o Senhor

14-50

chamava ás caranças satanas

Carta de Gonçalo de Sinerges ao navegador de São Tomé e Príncipe

Alvaro Vaz e os seus companheiros

Naia acordou com os gritos que ela, com o frade ajoelhado a seus pés, dirigia á omnipresença de Deus tanto na alma como na carne. Algum tempo depois de abrir os olhos e de se reconhecer no seu beliche do Ponta de Sagres ainda se sentiu esvoaçada por algumas dessas imprecacões e olhou á volta, inquietada por alguém a poder ter ouvido na voz da mulher que tinha acabado de deixar no so nho. [*] Mas não, na cabine estava ela e mais ninguém, toda a tripulação se encontrava lá fora num vaivém de mastro a mastro em manobras de partida, pois quis Deus que as promessas de Fortuna se mudassem em coisa vã e de nenhum porfiar. Naia, quando saiu á porta da cabine, a primeira coisa que viu foi o roupão vermelho aberto em cima duma cadeira de praia como se fosse a sombra dela própria e que agora regressasse depois do sonho. E com o sonho acabara-se a ilha, pensou ~~ela~~, olhando os rochedos a afastarem-se e o iate de velas ~~armadas~~ içadas, a apontar, não ás Bermudas mas ao regresso a Portugal, por imperativo de novas decisões.

:/

acabassem em experiência

antão/

Com efeito, ~~ela~~ não só tinham interrompido a viagem como desistido dela na espera de desembarcarem na ilha e a demarcarem como propriedade sua; e nisso consumiram tanto tempo que se quisessem retomar a rota inicial iriam enfrentar os ciclones tropicais que dentro de algumas semanas investem por aquelas paragens.

por todo o mês de Setembro

tinham consumido

Pisto isto,

Nessa conformidade, consulte-se o diário de bordo e anote-se que a 24 de Agosto do ano de 69, pelas sete e trinta da tarde, apontou o Ponta de Sagres a noroeste em vento brando e mar de temperança, deixando a ilha á sua sorte.

No calor das manobras frei Gonçalo tirou a t-shirt e Naia descobriu, assombrada, que ele tinha o peito todo rasgado com as unhas.

lt

A ilha perdida de frei Gonçalo de Sinerges. Ele diz-lhe a

Nesse dia aconteceu que, no extremo uma

INSTRUÇÃO FINAL PARA USO DOS MAREANTES E DOS CURIOSOS DA HISTÓRIA

que o Ponta de Sagre

Com efeito, ~~ela~~ não só tinham interrompido a viagem de recreação que traziam de preparo com destino ás Bermudas como a tinham esquecido por inteiro ao depararem com a nova ilha que Deus lhes interpôs em caminho. Na espera de poderem pôr pé firme nela e de a demarcarem como sua, prolongaram-se por tanto tempo

Antes da partida

Alvaro de Vaz e os seus companheiros

[*]

Conhecem-se pelo menos duas versões deste sonho que os cronistas designam por "Exorcismos da Ilha de Satanás". Segundo Montezuma, obra cit., teria sido a própria Naia Valdez que o teria transmitido a um amante confidencial no ano da sua morte na auto-estrada Verona-Veneza. Tê-lo-ia inventado quando lho contou?

Antes da partida para Lisboa chamavam-lhe Ilha

que se quisessem retomar o percurso inicial iriam confrontar-se com os ciclones tropicais que por todo o mês de Setembro investem ás cegas por aquelas paragens. Isso e os comunicados que de quando em quando cruzavam o Atlântico sobre a ilusória realidade da Descoberta que tinham á sua frente obrigaram-nos a corrigir-se de urgência e a fazer rumo a Lisboa.

A 24 de Agosto pelas seis e trinta da tarde deixaram, pois, a Ilha á sua sorte. Chamavam-lhe dos Satanases por á vista se lhes afigurar povoada de mostrengos em rochedos incandescentes e pelo cheiro a inferno que exalava. Mas ~~do disseram-lhe~~ adeus entenderam mudar-lhe o nome, averbando-a no livro de bordo como Ilha de Satanás "por ser dia de São Bartolomeu que o povo diz do Diabo á solta" e assim ficou para todo o sempre na cartografia fantasma e na memória vivida.

Ilhas destas já noutros tempos enlouqueceram navegadores de agulha visionária que as tomaram uns como primeiros sinais dum novo Apocalipse, outros como prefácios á Terra da Promissão. Está nos livros que, doze graus a norte da Satanás de que aqui se faz crónica, se levantou há século e meio para logo se apagar a lendária Ilha de Sabrina no mar a que comumente se chama dos Açores. Morreu mas andou errante anos e anos por outros quadrantes e por outras latitudes, aparecendo em figura desgrenhada no meio de certas neblinas. De vida breve como esta e nascida das mesmas águas vem a propósito citar também a Ilha dos Capelinhos que Montezuma (vide Comunicação) compara á Myosin-Syo ou Rochedo das Lágrimas Ardentes de Sua Alteza Nipónica. Mas não façamos da História um arquipélago de aparições e prossigamos em curso natural até ao termo desta viagem. *de há muito*

Assim, informados conforme foi dito da natureza da Ilha que estavam a presenciar, e recebendo de Lisboa e das estações meteorológicas informações cada dia mais precisas sobre o naufrágio a que estava destinada, os navegantes do Ponta de Sagres não podiam fazer/do que a abandonar. Sabiam de certeza ~~sem piedade~~ que a arrogância das profundezas que a vomitara em labaredas e em estrondos infernais a iria engolir em breve, corroída pela vingança e pelo sal do oceano. A última imagem que guardaram dela foi a dum monstruoso vulto de pedra a lançar jactos de vapor em agonia.

Dois anos depois, 1972, a caminho do Golfo do México, J.K. Duskin fez passar o seu iate Norma III pelo ponto exacto onde, na expressão de Montezuma, "houvera lugar e nome a Ilha de Satanás". Naturalmente que já não encontrou qualquer sinal dela, reconheceu o presidente do US Guaranty Trust na entrevista que concedeu ao Yachting Quaterly. Mas em contrapartida, disse ele, impressionou-o a quantidade de ~~repxos~~ *repxos* de baleias que havia ali.

Alvaro Vaz, ao ler aquilo, suspendeu o charuto: Baleias na quela zona?

E João de Viana, com um ^{meio} sorriso ^{para longe} cauteloso: ~~E~~ porque não a jactos de vapor?

E o professor Montezuma: Baleias?

na hora do

mais

Verso
pag. 16

factor

impiedosa
omnipotente

Impossível.

Ao prof. ~~Alvaro~~ ^{Julio} Montezuma,
ao eng. Álvaro Vaz e ao dr. João de Viana,
á Sociedade de Oceanografia
e ao Comandante Martins Gomes da A.P.N.S.,
os agradecimentos do Autor pela colabora-
ção que lhe foi prestada.

Lisboa, 19 de Agosto de 1997